

Início feliz para a difícil viagem

É o melhor filme e vai representar o país no festival de Moscou

Marcílio Farias

WAGNER BILL

7753

Talvez o mais brasileiro dos nossos cineastas, Geraldo Moraes viu, depois de dois anos duros, o seu filme "A Dificil Viagem" disparar numa carreira de triunfos significativos. Primeiro no Rio de Janeiro, onde foi escolhido melhor filme, e recebeu os prêmios de melhor ator (Paulo José), melhor direção, além do prêmio especial do Júri Popular. Esta semana foi escolhido para representar o país em Moscou, o contrato de distribuição internacional também já foi assinado e os acertos para a sua entrada em circuito nacional ainda este semestre serão fechados antes do final da semana.

Um cineasta brasileiro. Gaúcho do Rio Grande, Geraldo não esquece as raízes ou a memória da campanha mas também não abre mão do planalto, onde chegou em 69 para a Universidade de Brasília, onde foi um dos pioneiros da área de cinema. Uma extensa filmografia em curta-metragem; uma atividade teórica intensa, membro das constantes comissões de alto-nível formadas no MEC para análise dos problemas cinematográficos brasileiros.

No seu estúdio, na UnB, ele ultima os preparativos de lançamento de "A Dificil Viagem", um filme sobre um homem em crise num tempo em crise, em uma região distante dessa crise - que leva a uma situação de ruptura interior, quebra das emoções contidas, desabafo e grito. Um entredo que seduziu as quase 1.000 pessoas que lotaram o cinema Ricamar na noite de exibição do filme. Uma história que bem poderia ser o reflexo de todo um tempo.

Geraldo não confirma nem desmente a semelhança entre seu filme e a realidade. Ri, acende o cigarro e fala sobre a fragmentação do tema de sua personagem e de muitos homens.

- Tem uma frase do personagem do meu filme, Evandro de Souza, que é bem significativa; ele diz: "não tenho certeza de nada, só vejo que isso aqui já deu tudo o que tinha de dar". Acho que esse tipo de sentimento é bem o espírito da coisa. A crise é provocada pela divisão; o homem estabeleceu divisões rígidas como certo-errado, homem-mulher, homem-natureza, corpo-espírito. Aliás, divisões que estão presentes em toda a história antiga. Todos os gênesis localizam a origem dos problemas numa divisão, de qualquer tipo, mas sempre uma divisão. O auge de tudo isso foi a famosa Revolução Industrial onde a natureza passou a ser encarada como um obstáculo.

A rigor todos falam em crise mas, esotéricos ou materialistas, esbarram nos casos concretos dessa crise. Ou mudam de assunto ou sobem a grandes altitudes da abstração. Geraldo considera isso maléfico. Extremamente maléfico.

- Mas falar de crise em níveis muito abstratos não dá a dimensão "brasileira" da coisa. Em termos de Brasil a consequência é que, em virtude desse raciocínio que se espalhou pelo mundo (de que o homem é o senhor da natureza), a nossa história passou a ser escrita pelos outros. Nos negaram a oportunidade de interpretar e compreender nosso próprio destino. Como exemplo prático: em nosso caso específico a raiz de todos esses problemas não está na industrialização mas no modo como ela foi feita, implicando em conteúdos estranhos de mando e poder, submissão, coisas dessa ordem.

Artista de contornos nitidamente religiosos, não necessariamente católicos mas essencialmente religiosos, Geraldo tem com o cinema uma espécie de identificação mística. A sétima arte o pegou pelo pé há mais de vinte anos, em um cinema "poético" do interior gaúcho. Numa época em que para ele o mistério das rodas de fogo do pampa ainda lhe acendia a imaginação.

- O cinema é a coisa que eu gosto e sei fazer. Na vida da gente aliás só existe um porquê. Eu simplesmente sempre lutei para fazer aquilo que gostei de fazer, além de todas as explicações racionais. Se você me perguntar porque o cinema, eu simplesmente não vou saber dizer porquê. Simplesmente o cinema fez minha cabeça. Talvez se quisermos sofisticar um pouco eu possa dizer que pelo fato do cinema propiciar a fusão da solidão e do convívio, coisas que eu aprecio com a mesma intensidade. O cinema de certo modo me deu a oportunidade de escrever as minhas experiências como eu gostaria de tê-las vivido. Aliás, também devo esclarecer que isso se deve ao fato do cinema, para mim, ser ficção. Eu jamais conseguiria ser documentarista, eu busco as minhas próprias explicações. Eu fiz documentários, mas como uma forma de aprendizado para o longa de ficção, a rigor eu não consigo ser tão "fiel" ao real como os grandes documenta-



ristas como Vladimir Carvalho, por exemplo.

Fiel ao cinema, Geraldo é ao mesmo tempo um estudioso fanático dos ramais e caminhos do Cinema Brasileiro. Sua presença é uma constante nos debates e círculos de estudo. É de sua autoria a redação final do projeto nacional de telecomunicações (conhecido oficialmente como Prontel). Sobre o nosso cinema, Moraes tem opiniões bem definidas, cuja principal característica é a atenção fechada em torno das possibilidades do nosso mercado fílmico.

- Em primeiro lugar, vive-se hoje de material importado. Nosso cinema depende total e integralmente do material que vem do exterior. Uma dependência prejudicial. Falta-se em inauguração de uma fábrica de material virgem no Rio ou em São Paulo. Isso seria um desafogo para o mercado, pois todos devem lembrar do boicote internacional quando o Governo Federal ameaçou baixar decreto obrigando as produtoras estrangeiras a copiarem os seus filmes aqui no país. A dependência do material virgem enfraquece o mercado.

A perspectiva otimista não esconde a preocupação do cineasta com os problemas alitivos de nosso cinema. Preocupação que vai novamente ao fundo da crise mundial e as discussões sobre os reflexos da situação no país.

- Por outro lado, não se pode desvincular a situação de nosso cinema da situação do país. Especialmente o nosso cinema que não é nem alienado nem alienante. O nosso cinema reflete o próprio país, absorvendo o redemoinho crítico do próprio tempo. Aliás essa questão de crises não é nova; desde a Segunda Guerra que os países, todos os países, vêm somando crises que de repente explodem. O cinema brasileiro vem de duas fases: a dos anos 60, de aguda participação na realidade, época em que os nossos realizadores se afirmaram; depois nos anos 70 o cinema brasileiro preocupou-se com o refinamento técnico. Hoje o nosso cinema volta os olhos para si mesmo, começa a se enxergar. Os anos 60 e 70 deram contornos que os anos 80 cristalizam. Nós já temos a respeitabilidade do cinema estrangeiro, do mercado estrangeiro; nosso nível técnico não deixa a desejar. Até o público foi reconquistado. Apesar das limitares mostro como a da Gaumont-CIC-Avai contra a reserva de mercado de nossos exibidores, o nosso cinema demonstra a cada dia que tem plenas condições de dar belos saltos no futuro. Não podemos é abdicar de conquistas como as da reserva de mercado, que obriga nossos exibidores a exibirem filmes nacionais por 140 dias-ano. Temos de chegar inclusive aos 50 por cento-ano. Precisamos também reverter a legislação do material virgem: é um absurdo que se taxe e sobretaxe o material virgem, importado e, portanto, caríssimo e se libere a importação dos filmes prontos. Infelizmente esse último tópico foge da alçada da Embrafilme e do Concine.

Atento a esses meandros, Moraes vai mais longe. Insere esse problema no bojo dos problemas culturais, ou melhor, do problema cultural brasileiro. Para o autor de "A Dificil Viagem", a questão só pode ser enca-

rada de frente sobre o âmbito cultural. O repertório de nossa chamada cultura brasileira é basicamente importado, principalmente o repertório das culturas urbanas. Por mais que o indivíduo seja autêntico em sua vivência das raízes originárias, por exemplo o nordestino ou mesmo o gaúcho, quando este indivíduo entra num cinema ele quer ver um produto igual ao americano, francês ou alemão. Nossa cultura como um todo nasceu e se criou a partir de formas e temas importados. Geraldo vê nesse fato uma evidência dramática: a falta de identificação.

- Isto gera um problema dramático principalmente para os autores. Nós estamos começando a ter a dimensão das medidas problematizadas. Dos temas problematizados. E isto só agora. Não é a arte o que dará a dimensão dos acertos nem vai resolver todos os problemas mas é a arte, principalmente o cinema, o que dará corpo aos conteúdos racionais necessários à solução dos problemas. Nossa indefinição cultural redundando numa indefinição da nossa arte, a chamada indefinição estética (como é bem o gosto dos intelectuais). E, temos o pior: o fato de querer forjar uma cultura "genuína" e adequar essa cultura, encaixá-la numa determinada prática artística como uma luva ou uma forma de bolo. Por exemplo, o meu filme é cultural e esteticamente definido, não há como não vinculá-lo ao Brasil, agora não me pergunte nem me peça a base dessa definição que eu não sei lhe dizer.

Fascinado por Brasília, cidade "que está sempre se fazendo", Moraes não vê muito o que falar sobre a cidade. Prefere viver intensamente esse constante fazer que Brasília provoca.

- Brasília relaciona-se com o mundo, mas mantém a sua individualidade. Ao mesmo tempo em que estamos no interior do país, nesse mesmo modo nos integramos a todo o mundo. Sentimos que fazemos alguma coisa diferente, temos tempo para ver o que fazemos e o que de certo modo somos. Aqui as pessoas não receiam pisar na grama; melhor: a grama aqui (como em canto algum do mundo) foi feita mesmo para ser pisada. A cidade não tem ainda a sua identidade cultural, que muitos buscam sob o rótulo ingênuo de Cultura Candanga - esquecendo que nem o candango mesmo existe mais. Por outro lado também não se pode querer que as obras culturais feitas no DF sejam identificadas no estrangeiro ou noutros estados da mesma forma que são identificados os gaúchos quando dançam a "chula" ou os baianos com a capoeira. Querem inventar um berimbau para Brasília me soa meio ridículo, meio absurdo. A rigor esta cidade foi criada para ser uma consumidora de cultura e, de repente, os criadores descobriram que havia pessoas fazendo arte, e produzindo por conseguinte, cultura. Ai veio a crise de identificação ou de procura de identidade. A perplexidade que se observa nas pessoas é que elas descobriram que além de consumir, elas também podem criar, também podem fazer. Descobriram que a cidade propicia a uma criação definida, liberando-a da obrigação fastidiosa de eternamente embeber-se do que se passa no Rio, em São Paulo ou Londres...